E-ISSN 2359-6856
RESENHA

CARTA-RESENHA DO LIVRO OLHOS D´ÁGUA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

https://orcid.org/0000-0001-7594-1268 Sheila Martins dos Santos

[A] Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 26.jul.2022 | **Aceito em:** 15.set.2022
Correspondência: Sheila Martins dos Santos (smartins@ines.gov.br)

Querida Conceição,

Estava protelando escrever esta carta há muito tempo, mas hoje acordei nessa manhã de domingo animada. Olhei pela janela do quarto, e lá fora está fazendo sol, daqueles de outono. Ainda está frio aqui dentro. Faço meu café, pego meu caderno onde estou tecendo esta carta-resenha e, antes de começar a escrita de fato, converso um pouco com as minhas plantas. Este é um hábito que herdei de minha mãe Dona Vera. Pronto... ou melhor, estou pronta!

Conheci a senhora através de um encontro com seu livro "Olhos D´Água", publicado pela editora Pallas, no ano de 2019. Foi um dia incrível! Estava numa viagem com meu filho; a primeira que fizemos juntos após o falecimento de minha mãe, e depois de economizar por anos dinheiro para essa grande proeza! Sair da rotina e pegar as malas... Uma tarefa difícil para uma mulher negra! Dar uma pausa e cuidar de si, uma prática necessária para cada uma de nós.

Pois bem, fomos para a cidade de Paraty, no Rio de Janeiro. Decidimos andar a procurar por algo que não sabíamos o que era. No Centro Histórico vimos uma pequena livraria. Nem pestanejamos e logo entramos. Mas... "o que estávamos procurando ali?" -perguntava-me em silêncio. Catei por cada canto um vestígio de algo que fizesse meus olhos brilharem e meu coração acelerar. Procurei mais um pouco e vi a capa do seu livro... Com um olho como se fosse um rio.

Abri o livro, passei as folhas, li algumas frases e vi sua foto, Conceição. Um encontro! O encontro! Um encontro sagrado na encruzilhada da vida. Nesse momento, meu filho se aproximou, pelo fato de me observar ali estática fisicamente e encantada olhando sua foto. Ele olhou por cima dos meus ombros e lançou a seguinte frase:

2022 ***Santos;****. Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comercias, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.*

- Ela se parece com você, mãe!

As lágrimas, que antes ocupavam a capa do seu livro, agora jorravam na minha face. Um rio d´água de Oxum marcou nosso encontro. Comprei o livro e não me separei mais dele. Ali estavam tecidas as *escrevivências* (EVARISTO, 2018) do primeiro livro em que me vi representada como uma mulher preta. O livro foi como um espelho de Oxum, onde pude olhar as minhas memórias, narrativas e ancestralidades... eu estava presente em cada linha.

Voltamos para a pousada que alugamos. Liguei o computador e busquei mais sobre a senhora. Uma preta-velha que trouxe o encantamento para os meus olhos. Descobri que se chamava Maria da Conceição Evaristo de Brito, filha de Joana Josefina Evaristo, a qual havia nascido em Belo Horizonte, em 1946. Estudou em escola pública!Também soube que trabalhou como doméstica na sua juventude, assim como minha mãe, minhas tias e eu. E que, na década de 70, mudou-se para o Rio de Janeiro, com a ajuda de amigos. Logo em seguida, fez concurso para professora primária, pois havia terminado o Curso Normal, no Instituto de Educação de Minas Gerais.

Tantas coisas eu soube sobre a senhora, tantos encantamentos e descobertas me trouxeram aqueles "Olhos D'Água"... Descobri que a senhora participava também dos movimentos sociais de valorização da cultura negra... Em 2003, publicou o seu primeiro romance - *Ponciá Vicêncio*, pela Editora Mazza, de Belo Horizonte. É graduada em Letras pela UFRJ, mestre em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro, onde defendeu a dissertação: "Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade" e doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense, desde 2011.

E cá estou... escrevendo sobre a senhora para a senhora. Que desatino o meu! Mas vou tentar bordar algumas palavras sobre como o Livro Olhos d'água movimentou meu caminho...

Assim que dei uma pausa na busca por quem seria essa mulher maravilhosa, comecei a ler o livro. Encantador! Nele pude ver minha história em cada frase, pois o foco maior nos bordados das *escrevivências* é narrar o que nos atravessa enquanto corpos negros na diáspora afro-brasileira. Temas como a violência, a pobreza, os encontros, ancestralidade e afetos emergem de cada conto incorporando-trançando a tessitura poética à ficção. Dão a ver o mar de multiplicidades e singularidades e as complexidades que constituem nossa condição humana. No prefácio do livro, já perdi o fôlego com o meu primeiro contato com a noção de *escrevivências*...a escrita a partir das vivências narradas por mulheres-pretas.

A senhora, Conceição, nos presenteia com uma série de narrativas marcantes, compostas por quinze contos diferentes que se *entrecruzam* ao escrever as memórias de mulheres e homens

negros. Contudo, desde o primeiro conto, o qual nomeou como “Olhos d’água”, a senhora consegue bordar com linhas de dor, saudade, emoção e maternagem. E, para além disso, convida a ancestralidade e questões ligadas às nossas identidades para serem parte dessa grande colcha de memórias.

Quando escreve dos seus personagens, ou melhor, como gosta de chamá-los, seus parentes...O fato de dar o nome e sobrenome de alguns protagonistas aos títulos dos contos é uma interessante afirmação em relação a que, em nossos corpos-negros, temos nomes e histórias que precisam ser narradas. Entre esses casos, podemos salientar: Duzu-Querença, Di Lixão, Maria, Ana Davenga, Lumbiá e Luamanda.

“De que cor eram os olhos de minha mãe?” (EVARISTO, 2019, p.15) Essa é a pergunta que permeia o primeiro conto do livro. Traçado em sua completude em primeira pessoa, difere dos demais textos. A dúvida sobre a cor dos olhos, de sua mãe, Conceição, segue acompanhada por memórias de sua infância e vai ao longo do texto se metamorfoseando em um tom acusatório. Ele parece movê-la a (re)tornar à sua cidade natal e encontrar sua mãe, em busca da cor dos seus olhos. A narrativa é permeada por suas lembranças, pelas referências à África, às sabedorias das pretas-velhas e sua relação com os orixás. E o texto encerra com frases-poesias que entoam uma herança de rememorar as memórias das nossas avós, netas, filhas e mães mulheres-pretas que são (foram) presentes em nossas vidas.

> *“Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. ”* (EVARISTO, 2019, p. 18)

> *“Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. ”* (EVARISTO, 2019, p. 19)

E, então, eu também passei a me questionar qual seria a cor dos olhos de minha mãe. Sendo assim, faço de mim morada para os rios-lágrimas jorrarem pelo meu rosto, mais uma

vez. Por fim, cara Conceição, encerro esta carta dizendo que te encontrar e pode ter contato com seus escritos tem auxilia a mulher-preta na qual estou me tornando.

Gratidão por sua escrita tão generosa.

Referências

EVARISTO, Conceição. *Escrevivências da afro-brasilidade: história e memória.* Releitura, Belo Horizonte, n. 23, 2008.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água***.** Rio de Janeiro. Pallas, 2019.